

## Imagens de uma capital: Paris nas perspectivas vôo-de-pássaro entre os séculos XVI e XVIII

### Euler Sandeville Jr.

Arquiteto, professor assistente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Rua do Lago, s/n. Cidade Universitária cep 05508900 - Sao Paulo, SP, (11) 30914535, euler@usp.br

### Maria Fernanda Derntl

Arquiteta, doutoranda na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP, Rua do Lago, s/n, Cidade Universitária, CEP 05508900, Sao Paulo, SP, (11) 30914535, mariafernanda\_d@yahoo.com.br

### Resumo

Este artigo analisa o modo como a cidade de Paris foi representada em alguns dos principais mapas em perspectiva vôo-de-pássaro produzidos entre fins do século XVI e as primeiras décadas do século XVIII. Destacam-se códigos e técnicas adotados para diferenciar categorias de construções e distinguir elementos urbanos. Pôde-se ver que os mapas trazem imagens de uma capital ordenada e de caráter monumental.

*Palavras-chave:* Paris, cartografia, capital moderna.

No século XVII, Paris afirma-se como capital de um Estado moderno. Nesse período, pode-se ver uma forma específica de produção do espaço urbano, em que o controle das intervenções em Paris pela monarquia francesa está vinculado a um projeto político centralizador<sup>1</sup>. Já desde fins do século XVI, terrenos livres no interior das muralhas vão sendo loteados e dão origem a novos bairros. Mais tarde, constroem-se praças de traçado regular onde se destaca a estátua do rei, a cidade expande-se em direção ao oeste, mansões e palácios têm seus jardins ampliados e reformados, passeios arborizados são abertos junto ao rio Sena e construções oficiais de caráter suntuoso distribuem-se ao longo de grandes eixos urbanos. Conforme escreve Argan, no século XVII Paris mostra com clareza a transformação de um organismo medieval numa cidade-capital e teria mesmo vindo se tornar a imagem mais completa da capital barroca (ARGAN, 1964).

Nesse período, entre fins do século XVI e as primeiras décadas do século XVIII, foi produzida uma

extensa cartografia representando Paris em perspectiva vôo-de-pássaro. Alguns desses mapas já são conhecidos, pelo menos em fragmentos, por meio de estudos gerais de história urbana, que os apresentam como ilustração e fonte de informação para o conhecimento da configuração da cidade. Para tratar da morfologia urbana de Paris a partir desses mapas, pode ser útil o apoio de um trabalho clássico como o *Études Archéologiques sur les anciens plans de Paris* (BONNARDOT, 1994), onde se apontam erros e acertos nas representações de cada um deles, estabelecendo-se seus diferentes graus de verossimilhança. Entretanto, estudos mais recentes vêm trazendo outras abordagens sobre aqueles mapas.

A partir da década de 70, intensificou-se o desenvolvimento de novas perspectivas que vieram ampliar o campo da história da cartografia e torná-lo mais receptivo a outras disciplinas, como, por exemplo, a história da arte ou a sociologia. O conteúdo puro dos mapas e o progresso de suas técnicas

1. Sobre a relação entre a produção do espaço urbano e o projeto político de Absolutismo a partir do caso da Place des Vosges, ver DERNTL, Maria Fernanda. A produção do espaço urbano sob as monarquias modernas: os casos da Places des Vosges em Paris e de Covent Garden em Londres. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas), FAUUSP, São Paulo, 2004.

deixaram de ser preocupações fundamentais. Consolidou-se então o interesse pelo reconhecimento dos mapas como artefatos culturais, em abordagens mais atentas à historicidade dos seus significados e funções. Também os processos de produção, difusão, circulação e recepção dos mapas passaram a receber maior atenção.<sup>2</sup>

No que diz respeito às perspectivas vôo-de-pássaro de Paris, trabalhos mais recentes vêm analisando a retórica de suas imagens no contexto político e cultural de afirmação da monarquia absolutista. Esta abordagem é bem desenvolvida por Hilary Ballon (1991), que interpretou os conteúdos simbólicos e ideológicos dos mapas de Nicolay e de François Quesnel, vendo-os como expressão do poder régio de Henrique IV. Num trabalho abrangente, Pinon e Le Boudec (2004) apresentam mapas de Paris da Idade Média ao século XXI, discutindo sua capacidade de exprimir imagens da cidade e de suas transformações. Numa perspectiva semelhante, os mapas serão aqui considerados não como mero reflexo da cidade ou de uma maneira de registro, mas em sua contribuição ativa na construção histórica de determinadas imagens urbanas.

A partir das indicações de estudos clássicos sobre a cartografia parisiense (BONNARDOT, 1994; LAVEDAN, 1926; PINON e LE BOUDEDEC 2004) e das referências de estudos gerais de história urbana (BENEVOLO, 1983; GUIDONI e MARINO, 1982; LAVEDAN, 1941), foram selecionados para este trabalho os mapas de Braun e Hogenberg de 1572, de Merian de 1615, de Gomboust de 1652, de Bullet e Blondel de 1676 e de Turgot de 1734-38.<sup>3</sup> A maior parte desses mapas tornou-se matriz para realizações posteriores, vindo dar origem a diferentes famílias cartográficas.

Embora Pinon e Le Boudec (2004) considerem que ainda são necessários estudos mais bem fundamentados sobre os motivos e os objetivos das realizações de perspectivas vôo-de-pássaro de Paris, esses autores também afirmam, de um modo geral, que os primeiros tempos da cartografia urbana parisiense teriam sido dominados por encomendas oficiais. Por outro lado, Hilary Ballon (1991) enfatiza o reduzido patrocínio régio para realização de mapas na França até o século XVI, em com-

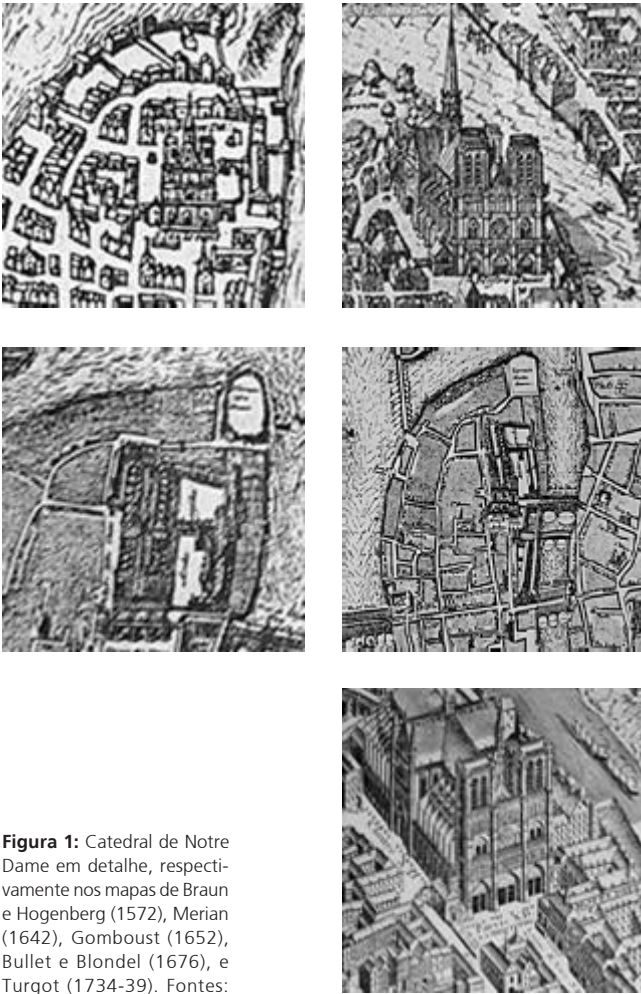
paração com outros centros europeus, embora observe que naquele período já haveria lá uma crescente demanda por atlas estrangeiros e livros de cosmografia.

Os primeiros mapas selecionados, de Braun e Hogenberg (1572) e de Merian (1615), integram coleções de mapas de cidades européias e não apresentam vínculos diretos com o estímulo régio à produção de mapas na França. Nesses primeiros mapas, a escala da representação não foi indicada e tende a variar de acordo com a importância atribuída a cada um dos elementos representados. O mapa de Braun e Hogenberg, representando Paris por volta de 1530, foi incluído num dos principais atlas do século XVI, o *Civitates Orbis Terrarum*. Nessa obra em seis volumes publicada em Colônia entre 1572 e 1617 foram representadas vistas de quase 530 cidades européias. Georg Braun editou a publicação e redigiu seus textos; Franz Hogenberg foi o autor da maioria das gravuras. Pouco antes da realização do mapa de Braun e Hogenberg, em 1528, o rei Francisco I (1515-1547) havia declarado sua intenção de residir a maior parte do tempo em Paris e afirmara que o Palácio do Louvre era o lugar mais conveniente para acomodá-lo. Como se verá, o mapa de Braun e Hogenberg já indica Paris como sede da monarquia.

A estruturação da produção de mapas na França do século XVII está relacionada à organização de um aparelho administrativo monárquico. Ainda durante o reinado de Henrique IV (1589-1610) foi conduzido um programa régio para o mapeamento do território francês (BALLON, 1991). A realização de mapas foi deixando de ser feita por artistas (desenhistas, pintores e gravadores) e passou ao encargo de engenheiros, arquitetos e depois especialistas em cartografia (PINON e LE BOUDEDEC 2004). Mas, ainda em meados do século XVII, um gravador especializado em vistas topográficas, o suíço Mathieu Merian, realizou um mapa de Paris incluído na *Topographiae Galliae*, de Martin Zeller. A publicação é de 1642, embora o levantamento de Paris deva ter sido feito ainda em 1615. Nele, sobressaem-se monumentos e iniciativas expressivas da presença da monarquia no espaço urbano, como, por exemplo, a Place Dauphine (1608-1614) e a Place des Vosges (1605-1612).

2. Os desenvolvimentos recentes dos estudos de cartografia e a noção de mapa como artefato cultural foram abordados pelo prof. dr. Ulpiano T. Bezerra de Menezes na sessão "Mapas e coleções como objeto de cultura material", apresentada dia 20 de junho de 2007, no seminário Mapas, impérios e colecionismo, do IEB USP. Sobre a iconografia de cidades ver também MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das Cidades Brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. Revista USP, Dossiê Brasil dos Viajantes, São Paulo, n. 30, p. 144-155, jun/jul/ago 1996.

3. As cópias desses mapas foram obtidas na Bibliothèque Nationale de France, site Richelieu. Agradecemos ao Laboratório de Fotografia da FAUUSP pela digitalização das imagens.



**Figura 1:** Catedral de Notre Dame em detalhe, respectivamente nos mapas de Braun e Hogenberg (1572), Merian (1642), Gomboust (1652), Bullet e Blondel (1676), e Turgot (1734-39). Fontes: BRAUN, Georgius; HOGENBERG, Franz. [Civitates orbis terrarum.] De præcipuis, totius vniuersi vrbibus, liber secundus. Coloniae; apud Philippum Gallæum: Anuerpiæ [sic], [1572]. Bibliothèque Nationale de France, GeCC1; MERIAN, Mathieu. Le Plan de La Ville, Cité, Université et Faubourgs de Paris avec la description de son Antiquite, [1642], Bibliothèque Nationale de France, GeCC1, F6. GOMBOUST, Jacques. Lutetia. Paris, 1652, Bibliothèque Nationale de France, GeCC1. BLONDEL, François; BULLET, Pierre. Plan de Paris levé par les ordres du Roi et par les soins de messieurs les prévôts des marchands et échevins et par les sieurs Bullet, architecte du roi et de la ville, sous la conduite de monsieur Blondel, maréchal de camp aux armées du roi, directeur de l'académie royale d'architecture et maître de mathématiques de monseigneur le Dauphin. 1676. Bibliothèque Nationale de

Entre os mapas selecionados, aqueles posteriores ao de Merian já procuram maior rigor na representação e são feitos por profissionais mais especializados. Em 1652, publicou-se o mapa de Jacques Gomboust, engenheiro do rei para fortificações, que foi auxiliado pelo matemático e intendente de fortificações Pierre Petit. Ali se vê Paris tal como teria sido por volta de 1649, durante a minoridade de Luis XIV, mostrando-se novos palácios como o do cardeal Richelieu (iniciado em 1624) e o palácio e jardim de Luxemburgo (1615-1620). O mapa de Gomboust de 1652 marca um novo momento na busca de precisão, já incluindo escala gráfica, correspondente a 1: 3500.

Já durante o reinado de Luis XIV, sob o ministro Jean-Baptiste Colbert – superintendente de construções, artes e manufaturas a partir de 1664 – criou-se um laboratório centralizado de trabalhos cartográficos, o Observatório de Paris (PINON e LE BOUDEC, 2004). Foi nesse período que se realizou o mapa de Bullet e Blondel, onde se vê não apenas o aspecto de Paris por volta de 1676, mas também obras que se pretendia fazer. François Blondel era encarregado da direção das construções públicas desde 1669 e tornou-se diretor da Academia de Arquitetura; Pierre Bullet foi aluno de Blondel e tinha o cargo de arquiteto do rei e da cidade. No mapa de Bullet e Blondel, a escala passa a ser de 1:1800. Esse mapa foi feito durante a construção de Versalhes e mostra a intenção de transformar Paris numa cidade aberta, cercada por bulevares no lugar de muralhas.

As representações de Paris em perspectivas vô-de-pássaro encerram-se no século XVIII com o chamado mapa de Turgot, feito pelo desenhista de ção tridimensional dos objetos como se fossem vistos por um observador no alto. Seu resultado pode ser considerado uma combinação do mapa com a vista em perspectiva. As perspectivas vô-de-pássaro tornam possível ver a cidade num só golpe de vista, mas também permitem uma visão minuciosa de seus edifícios. Essas imagens deviam causar forte impacto na imaginação de um observador da época: embora fosse possível reconhecer as construções da cidade, haveria uma ruptura na maneira habitual de vê-las e uma mudança no modo como grandezas e relações seriam percebidos. Em vez de um conjunto de elementos dispersos, nas

France, GeCC1. BRETEZ, Louis. Le plan de Louis Bretez dit "Plan de Turgot.": Précédé d'une notice sur le plan de "Bretez" par André Rossel des "20 quartiers de Paris," extraits du Guide historique de "Hurtault et Magny" (1778) et de l'index des monuments, édifices, etc. extraits du Plan de Jean de la Caille, Imprimeur de la Police (1714). Paris: Editions Les Yeux ouverts, [1966].

**Figura 2:** Paris ca.1530 no mapa de Braun e Hogenberg. Fonte: BRAUN, Georgius; HOGENBERG, Franz. [Civitates orbis terrarum.] De præcipuis, totius vniuersi vrbibus, liber secundus. Coloniae; apud Philippum Gallæum: Anuerpiæ [sic], [1572]. Bibliothèque Nationale de France, GeCC1.

perspectivas vô-de-pássaro a cidade poderia ser vista como um organismo unitário. Apenas em alguns dos primeiros mapas figuras humanas em ação animam locais específicos, como se vê, por exemplo, nas margens do rio Sena ou num mercado de cavalos representados no mapa de Merian. As ruas mostram-se vazias, sem figuras que poderiam distrair a atenção dada à cidade. Esse procedimento valoriza a paisagem edificada como objeto específico.

Embora os mapas selecionados compartilhem entre si algumas convenções de representação, eles também produzem efeitos bem distintos entre si. No mapa de Braun e Hogenberg, o rio Sena, na direção vertical e em dimensões exageradas, marca claramente a divisão da cidade: a *ville*, na margem direita, concentra as atividades mercantis; a *citê*, ilha onde se localizou de início o núcleo medieval, é a sede da administração e do poder espiri-

tual de Notre Dame, e, na margem esquerda, desde o século XIII, está a universidade. A cidade tem aspecto circular e apresenta construções densas e contínuas. O rio Sena está repleto de embarcações, expressando sua importância como rota de transporte e de comércio. As ruas são vistas como se estivessem em planta e as construções são mostradas em elevação. Não se considerou o efeito da distância na perspectiva, então, a igreja de Notre Dame, mais próxima do ponto de vista do observador, e a Bastilha, mais distante, parecem ter o mesmo tamanho. E, para que as alturas das fachadas das casas não encobrissem as ruas logo atrás delas, mantendo-se a leitura separada dos quarteirões, utilizou-se o recurso de exagerar a representação da largura das ruas. Essa distorção subsistirá em todos os mapas em que a perspectiva vô-de-pássaro foi utilizada para o conjunto urbano, até mesmo no mapa de Turgot. Os espaços de circulação são assim sempre enfatizados.





**Figura 3:** Paris ca.1615 no mapa de Merian. Fonte: MERIAN, Mathieu. *Le Plan de La Ville, Cité, Université et Faubourgs de Paris avec la description de son Antiquite*, [1642], Bibliothèque Nationale de France, GeCC1, F6.

Comparando-se o mapa de Braun com o de Merian é possível ver mudanças na técnica da perspectiva vô-de-pássaro. No mapa de Merian, o ponto de vista é um pouco mais próximo do chão e ligeiramente enviesado, de modo a dar uma impressão mais nítida dos volumes. O rio Sena deixa de ser vertical para inclinar-se em diagonal. Podem-se ver não apenas as fachadas frontais das construções, mas também sua perspectiva. Além disso, os edifícios parecem estar mais próximos do observador e vão diminuindo de tamanho com a distância. O traço da gravura parece mais refinado. As modificações na representação técnica parecem ter tido o propósito de reforçar o impacto no observador mais do que aprimorar a exatidão na representação da estrutura física da cidade. Em comparação com o mapa de Braun e Hogenberg, no mapa de Merian o espaço parece ganhar forma e expressividade.

Os mapas selecionados acionam diferentes convenções gráficas para atribuir valores àquilo que está sendo representado. Comparando-se o mapa de Braun e Hogenberg, ainda do século XVI, com o mapa de Merian, do século XVII, já é possível ver uma mudança na representação das construções no sentido de diferenciar categorias. Em ambos os mapas citados, as construções comuns apresentam-se de modo simbólico – uma casa pode ocupar o lugar de várias outras – e de forma simplificada – suas feições são mais ou menos as mesmas e sem detalhes. Mas, no mapa de Merian, os monumentos ganham destaque em meio ao tecido urbano. Distinguem-se com mais clareza as torres das igrejas e, no primeiro plano, sobressai-se o Palácio das Tulherias com seus jardins.

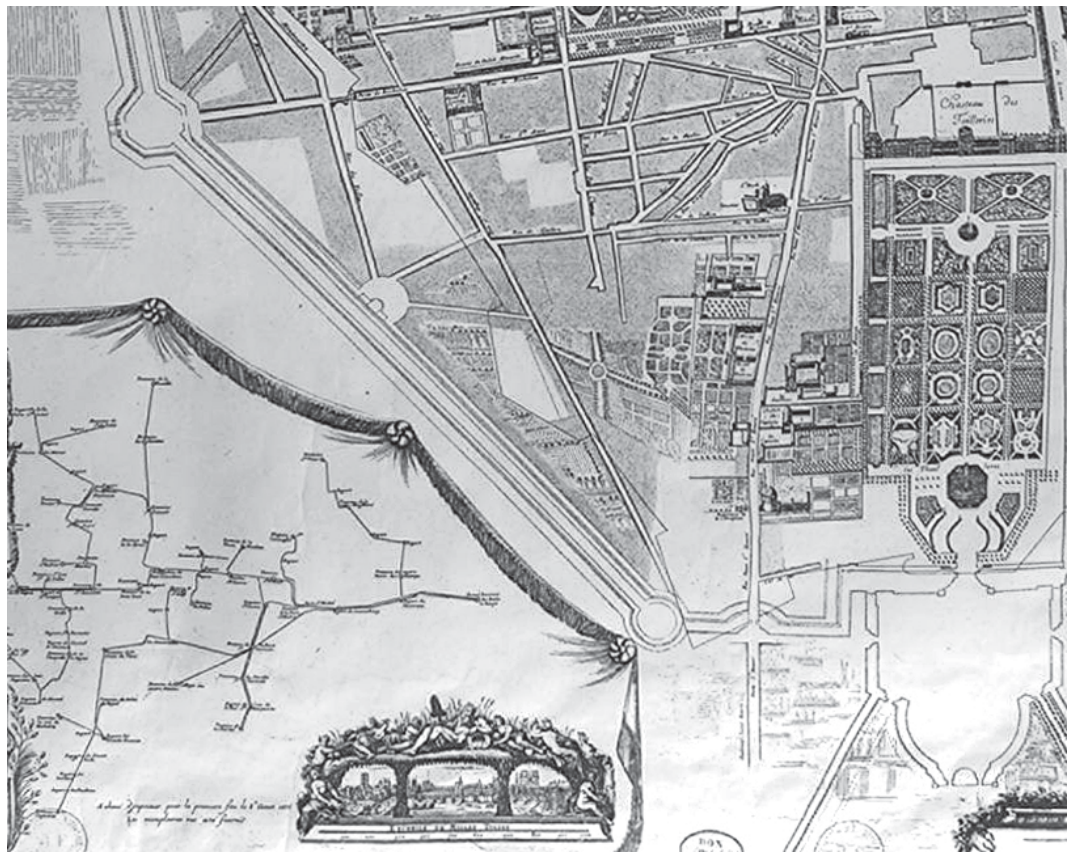
A tendência para a diferenciação dos elementos construídos é ainda mais clara no mapa de Gomboust, que combina duas convenções gráficas distintas: casas comuns aparecem como um pontilhado que preenche todo o espaço interno dos quarteirões; já monumentos, edifícios públicos, igrejas e residências mais luxuosas – os chamados hotéis – aparecem em perspectiva. Assim, em vez do conjunto urbano mais ou menos homogêneo visto em mapas anteriores, os edifícios e espaços considerados mais importantes distinguem-se, sugerindo, talvez, um sistema de edifícios e espaços tido como significativos. O mapa de Gomboust marca, portanto, um afastamento em

relação aos mapas anteriores, cujo caráter, pode-se dizer, era mais subjetivo, para introduzir a representação abstrata da cidade. As construções comuns não são mais representadas como objetos visíveis, mas foram reduzidas ao pontilhado. Também o mapa de Bullet e Blondel combina essas duas formas de representação.

O mapa de Turgot parece marcar um outro momento na representação das construções da cidade. Todas elas voltam a ser mostradas em perspectiva, o que costuma ser entendido como um arcaísmo desse mapa. Nele, a escala adotada permitiu mesmo que todas as construções aparecessem

**Figura 4:** Detalhe do mapa de Gomboust, representando Paris ca. 1649. Fonte: GOMBOUST, Jacques. *Lutetia. Paris*, 1652, Bibliothèque Nationale de France, GeCC1.





**Figura 5:** Detalhe do mapa de Paris de Bullet e Blondel de 1676. Fonte: BLONDEL, François; BULLET, Pierre. Plan de Paris levé par les ordres du Roi et par les soins de messieurs les prévôts des marchands et échevins et par les sieurs Bullet, architecte du roi et de la ville, sous la conduite de monsieur Blondel, maréchal de camp aux armées du roi, directeur de l'académie royale d'architecture et maître de mathématiques de monseigneur le Dauphin. 1676. Bibliothèque Nationale de France, GeCC1.

desenhadas em detalhe, o que anteriormente não se fez. Não há ponto de fuga e as construções são vistas em diagonal, mostrando-se também a ocupação interior dos quarteirões, anteriormente encoberta pelas fachadas. As sombras foram aplicadas de modo mais sistemático e delicado do que nos mapas precedentes, ressaltando o aspecto volumétrico dos edifícios.

O modo de representar a vegetação também tende à diferenciação de elementos. Nos primeiros mapas, a vegetação e a topografia aparecem de maneira esquemática e simbólica: uma árvore poderia simbolizar um bosque e o relevo apresentava-se segundo uma convenção uniforme. Mas, já

no mapa de Merian mostra-se mais atenção às distintas formas vegetais e a suas possibilidades de composição em tipos variados de espaços livres. Essa nova orientação pode ser associada às iniciativas de Henrique IV para a valorização dos espaços livres para passeio e áreas verdes na cidade. No mapa de Merian, já se vêem os desenhos geometrizados dos jardins de palácios e mansões. Registra-se ainda o aparecimento dos campos de *pailmail*, jogo de origem italiana, praticado à sombra das árvores junto à antiga muralha a oeste de Paris ou no extremo leste da cidade, perto do rio Sena. E, na margem esquerda, fora dos limites da muralha, no lado oposto ao Jardim das Tulherias, foram representados em detalhe os jardins junto

4. A dificuldade de imposição e controle de taxas municipais, as diferenças nos estatutos regulamentando o exercício dos ofícios, a prolifera-

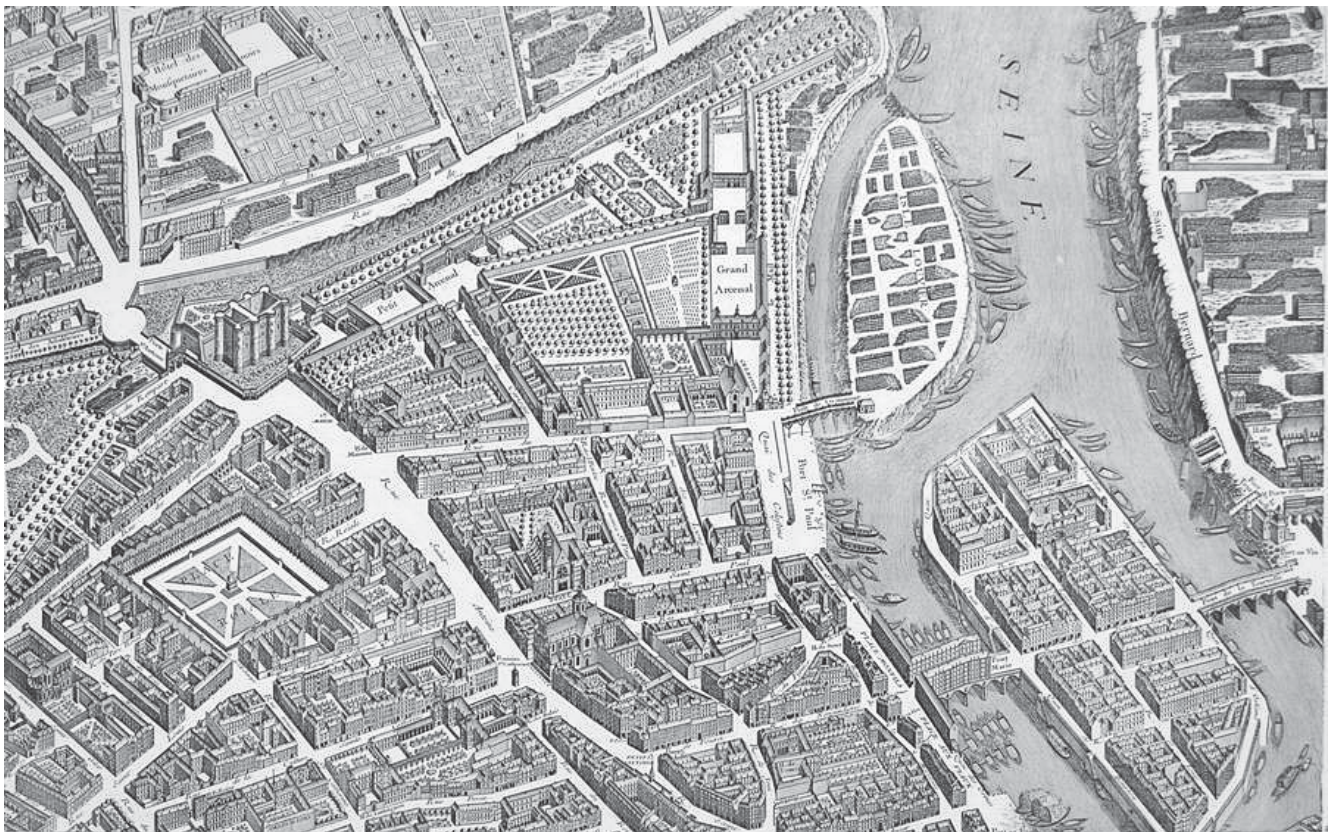
**Figura 6:** Paris ca. 1734-39, no mapa de Turgot. Fonte: Bretez, Louis. *Le plan de Louis Bretez dit "Plan de Turgot."*: Précédé d'une notice sur le plan de "Bretez" par André Rossel des "20 quartiers de Paris," extraits du Guide historique de "Hurtault et Magny" (1778) et de l'index des monuments, édifices, etc. extraits du Plan de Jean de la Caille, Imprimeur de la Police (1714). Paris : Editions Les Yeux ouverts, [1966].

ao Palácio da rainha Margarita de Navarra, ou Margot, primeira mulher de Henrique IV .

Tanto no mapa de Gomboust como no de Bullet e Blondel a representação esquemática de jardins e passeios arborizados, juntamente com mansões e palácios, destaca-se em meio ao pontilhado das construções comuns. No mapa de Turgot, os elaborados desenhos de canteiros mostram a intenção detalhista. A vegetação aparece de forma ordenada, como se vê no reticulado geométrico de campos cultivados e nos arranjos disciplinados de árvores nos arredores da cidade.

Parece também interessante verificar como os mapas selecionados representam os subúrbios da cidade. Como se sabe, os *faubourgs* foram uma cons-

tante preocupação da monarquia, que, desde meados do século XVI, procurou sem sucesso limitar seu crescimento e promulgou vários editos régios proibindo novas construções fora das muralhas.<sup>4</sup> Nos primeiros mapas, vêem-se, na parte externa das muralhas, pequenas construções, campos cercados e terrenos de ordens religiosas. O aspecto aberto dos subúrbios contrasta com a densidade do interior das muralhas. Já o mapa de Gomboust traz um texto advertindo que apenas uma parte do subúrbio de Saint Antoine foi representado, para evitar que a prancha do desenho se tornasse "muito alta". O mesmo texto descreve as ruas e construções consideradas significativas daquele subúrbio, como a abadia e os conventos. No mapa de Bullet e Blondel, por sua vez, a ocupação dos subúrbios é mesmo suprimida, vendo-se apenas vagos traça-



ção de construções pobres, além da ameaça ao abastecimento de alimentos a Paris eram alguns dos problemas associados à urbanização dos subúrbios. Ver a esse respeito BARDET, Gaston. *Le Problème des Faubourgs. In: Naissance et Méconnaissance de l'Urbanisme*. Paris, SABRI, 1951, p. 116-118.

dos sugerindo, talvez, campos cultivados. E, no mapa de Turgot, apenas alguns dos subúrbios foram representados, novamente com a intenção manifesta de evitar que o mapa se tornasse por demais extenso. O tratamento dado aos subúrbios sugere uma tentativa de amenizar sua presença na composição da forma urbana e de apresentar uma ocupação urbana considerada mais equilibrada.

Entre os mapas selecionados, o mapa de Bullet e Blondel de 1676 apresenta um caráter distinto dos demais, já que traz iniciativas previstas para o futuro. Em 1672, Luis XIV (1643-1715) renovou as proibições de se fazerem novas construções nos subúrbios de Paris e ordenou ainda que se fixassem novos limites para a cidade, procurando disciplinar seu crescimento. Logo em seguida, o dirigente municipal de Paris, Le Pelletier, em declaração à assembleia municipal em 18 de março de 1675, afirmou que havia considerado “a vantagem que se poderia esperar de um mapa exato e fiel de Paris, onde se assinalariam as modificações que aí poderiam ser depois feitas, para a comodidade pública, para facilitar a comunicação entre os bairros e para o embelezamento da cidade”. No mapa de Bullet e Blondel vêem-se, como se disse, a linha planejada para os boulevards e também novas ruas a serem abertas, além do esboço do traçado da futura Place de la Concorde (1755-1775). Para Gaston Bardet (1951) as obras previstas nesse mapa indicam que se trataria mais de um plano voltado para o embelezamento urbano. Por outro lado, Leonardo Benevolo (1983) associa o mapa de Bullet e Blondel à coordenação das iniciativas urbanísticas sob Colbert num plano para a escala da cidade.

Além de representar a cidade de Paris e seus subúrbios, um outro aspecto dos mapas são os elementos em suas margens: textos, figuras, pequenos mapas, vistas, brasões, cártulas e molduras. Numa breve análise, dos primeiros mapas ao mapa de Gomboust, pode-se ver o discurso escrito nas laterais tornar-se mais extenso e descritivo. No mapa de Braun, Paris é “residência régia”, “fecunda em vinho, doce nos cidadãos”, dotada de monumentos “estupendos”. No mapa de Merian, é “pujante em pessoas e bens, abundante em todas as coisas”. No mapa de Gomboust, Paris adquire caráter superlativo: é a “maior e mais bela cidade” da Europa e a “cidade capital de um reino superior a

todos os demais reinos”. O texto às margens do mapa de Gomboust trata de narrar em detalhes as qualidades das instituições parisienses, de seus habitantes, suas riquezas naturais e dos “palácios, castelos, hotéis e outros edifícios públicos que nela abundam”. Uma das inscrições nas laterais se refere a supostas incorreções e falhas de mapas anteriores, concluindo-se que eles seriam “mais adequados para lojas e cabarés do que para galerias e bibliotecas de pessoas de condição”. E um texto dirigido “aos leitores”, afirma ainda ter trazido, depois de cinco anos de trabalho, “tudo que a arte e o manejo dos instrumentos de matemática podem dar de perfeito no momento”. No mapa de Turgot, porém, há apenas um pequeno texto explicativo.

Além dos textos, também se vêem ornamentos e desenhos nas margens dos mapas tornarem-se mais numerosos, maiores e mais elaborados. Isso se nota claramente no mapa de Gomboust, em cujas margens foram incluídas vistas de Paris a partir de Montmartre, da Galeria do Louvre e de palácios “reais e notáveis”. No mapa de Bullet e Blondel, por sua vez, incluiu-se um mapa indicativo das localidades nos arredores de Paris, desenhos de futuros arcos do triunfo que seriam construídos no lugar das portas de entrada da cidade, além de um sistema de fontes e condutores de águas públicas. Pinon e Le Boudec (2004) entendem que essa multiplicação dos textos e ornamentos nas perspectivas vôo-de-pássaro de meados do século XVII está relacionada à intenção de compensar possíveis imprecisões de seus próprios mapas e de abrandar a aridez da representação abstrata. Não se exclui, porém, a busca de um repertório escrito e visual capaz de potencializar uma imagem urbana de caráter solene.

As perspectivas vôo-de-pássaro selecionadas permitem ver distintos momentos de transformações urbanas em Paris, num período em que essa cidade adquire proeminência no território francês, vindo se estabelecer como centro de um Estado que se unificava. Esses mapas podem ser vistos como uma expressão do crescente reforço do poder régio e da intenção de impor seu controle sobre o desenvolvimento urbano.

Nos mapas selecionados pertencentes ao século XVII, pôde-se ver que a escala da representação

permitia uma visão do todo da cidade de uma só vez. Também se cuidava de distinguir claramente as construções comuns dos edifícios considerados mais significativos. No entanto, as pranchas mais detalhadas e em maior número do mapa de Turgot, já do século XVIII, acabaram impedindo a visão unitária da cidade. E nele os monumentos mal se distinguem, já que toda a cidade parece ter caráter monumental. Privilegia-se a imagem de um conjunto urbano totalmente harmônico e ordenado, tendo uma arquitetura regular e apresentando uma ocupação equilibrada. Essa imagem modelar identifica-se com o conceito de cidade-capital desenvolvido por Giulio Carlo Argan (1964): trata-se de um organismo monumental, no qual o tecido urbano medieval tende a ser suplantado por uma ordenação regular e uniforme.

No entanto, autores como Leonardo Benevolo (1983) e A. E. J. Morris (1984), enfatizam o caráter episódico e pontual das modificações de Paris no século XVII e destacam a persistência de feições herdadas do período medieval. Na cidade daquela época, palácios, mansões e bulevares conviveriam com casas estreitas e acanhadas de traços ainda medievais; muitas ruas teriam um traçado tortuoso e seriam lamacentas, congestionadas, cheias de animais, de carroças e de vendedores ambulantes. Mas, as perspectivas vôo-de-pássaro de Paris propagam imagens de uma cidade livre desses elementos, ordenada e de caráter monumental.

## Referências Bibliográficas

- ARGAN, Giulio C. *L'Europe des capitales: 1600-1700*. Genebra: Skira, c.1964.
- BALLON, Hilary. *The Paris of Henri IV: architecture and urbanism*. New York: The Architectural History Foundation, 1991.
- BARDET, Gaston. *Naissance et Méconnaissance de l'Urbanisme: Paris*. Paris, SABRI, 1951.
- BAUDOUIN-MATUSZEK, M-N (org.). *Paris et Catherine de Médicis*. Paris: Délégation à l'action artistique, 1989.
- BENEVOLO, L. *Historia de la arquitectura del Renacimiento: del siglo XV ao siglo XVIII*. Barcelona: Gili, 1983.
- BONNARDOT, Alfred. *Études Archéologiques sur les anciens plans de Paris*. Réédition em fac-similé, avec une introduction et um complément bibliographique par Michel Fleury. Paris: Agence Culturelle de Paris, 1994.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. São Paulo, Edusc, 2004.
- DERNTL, Maria Fernanda. *A produção do espaço urbano sob as monarquias modernas: os casos da Places des Vosges em Paris e de Covent Garden em Londres*. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas), FAUUSP, São Paulo, 2004.
- DUBY, Georges (org). *Histoire de la France Urbaine: de la Renaissance aux Révolutions*, Paris: Seuil, 1981.
- ELLIOT, James. *The City in Maps: urban mapping to 1900*. Londres: The British Library, 1987.
- FÉLIBIEN, D. Michel ; LOBINEAU, Gui-Alexis. *Histoire de la Ville de Paris, composée par D. Michel Félibien, revue, augmentée et mise au jour par D. Guy-Alexis Lobineau, justifiée par des preuves authentiques et enrichie de plans... et d'une carte*. Paris: G. Desprez, 1725, 5 v.
- GITAHY, Maria Lúcia C. *Poder e Espaço nas monarquias absolutistas da Europa Ocidental*. Sinopses, São Paulo: FAUUSP, n.34, dezembro de 2000.
- GUIDONI, Enrique; MARINO, Angela. *Historia del Urbanismo: el siglo XVII*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1982.
- LACAZE, Jean Paul. *Paris, urbanisme d'État et destin d'une ville*. Paris: Flammarion, 1994.
- LAVEDAN, Pierre. *La représentation des plans de ville (planographie)*. In: *Qu'est-ce que l'Urbanisme?: introduction a l'Histoire de l'Urbanisme*. Paris: Henri Laurens, 1926, p. 110-142.
- LAVEDAN, Pierre. *Histoire de l'Urbanisme: Renaissance et Temps Modernes*. Paris: Henri Laurens, 1941.
- MORRIS, A.E.J. *Historia de la forma urbana: desde sus Orígenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- NAGLE, Jean. *La ville de l'absolutisme triomphant. De François Ier à Louis XV*. In: BERGERON, Louis (org.). *Paris: Genèse d'un Paysage*. Paris: Picard, 1989, p. 107-146.
- PINON, Pierre ; LE BOUDEEC, Bertrand. *Les Plans de Paris : histoire d'une capitale*. Paris: Atelier Parisien d'urbanisme/ Bibliothèque Nationale de France/ Le Passage/ Paris Bibliothèques, 2004.
- POËTE, Marcel. *Une vie de cité: Paris de sa naissance a nos jours*. Álbum. Paris: Picard, 1925.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Cidades capitais do século XIX : racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo, Edusp. 2001.
- SEGAWA, Hugo M. *Ao Amor do Público: jardins no Brasil*. São Paulo: Fapesp/ Studio Nobel, 1996.
- WOOD, Denis. *The Power of Maps*. New York: The Guilford Press, 1992.